

FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL:
A QUESTÃO DOS BRASILEIRISMOS

Aderlande Pereira FERRAZ (UNI-BH/FEMM)

ABSTRACT: The present study examines the labeling of lexical items in three monolingual dictionaries. The aim of this examination is to determine the pertinence of the label used: *brazilianism*.

KEYWORDS: lexicon; lexicographical labeling; brazilianism.

0. Introdução

De conformidade com Geraldo da Cunha (1982, p. 122), o termo **brasileirismo** começou a ser usado em 1899, bem depois do mais antigo trabalho sobre brasileirismos, que é devido ao Visconde de Pedra Branca, inserto na obra de Adrien Balbi, em 1826.

Muitos estudiosos dos assuntos de língua têm empregado o termo **brasileirismo** sem julgar necessário explicitar a acepção usada, no entanto, alguma controvérsia tem ocorrido nas considerações apresentadas.

O tema suscita, antes de qualquer levantamento, clareza conceitual, uma vez que para a descrição lingüística não se pode descurar do conceito em que se funda a identificação do objeto de estudo, que então se define pela delimitação e pelo enfoque. No que diz respeito aos brasileirismos, nossa apreciação cobrirá tão-somente os de ordem lexical.

1. Critérios definitórios de **brasileirismo**

Consultados três dicionários de lingüística, todos apontam o caráter contrastivo com o português de Portugal como ponto principal de referência na conceituação de **brasileirismo**:

Qualquer fato lingüístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato lingüístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo. (Matoso Câmara Jr., 1978, p. 66)

Qualquer fato de linguagem peculiar ao português do Brasil em contraste com o de Portugal. (Luft, 1971, p. 28)

Qualquer fato lingüístico característico do port. falado no Brasil. (...) E é justamente na fonética e no vocabulário que mais se distinguem os falares de Portugal e do Brasil. (Jota, 1981, p. 53)

Celso Cunha (1987), seguindo o critério adotado por Rabanales¹ para o conceito de **americanismo**, distribui por cinco grupos as definições que, com o passar do tempo, lingüistas em geral (principalmente lexicógrafos) vêm sugerindo para **brasileirismo**.

Assim, para a conceituação de **brasileirismo**, observamos os seguintes critérios:

1º) *uso privativo como diferença específica.*

O caráter contrastivo entre o português do Brasil e o português de Portugal é o fulcro central de referência.

2º) *a difusão geográfica como diferença específica.*

Este critério em geral vem associado ao anterior. Nesse contexto, grande parte dos lingüistas defende o uso de dois sentidos para a definição de **brasileirismo**: a) sentido estrito (fatos lingüísticos peculiares a cada região do país, como os que se designam por **mineirismos**, **gauchismos**, **baianismos**, etc.); b) sentido lato (fatos lingüísticos verificados em todo o país, ou em mais de um dos seus estados).

3º) *a difusão social como diferença específica.*

¹ RABANALES, Ambrósio. *Introducción al estudio del español de Chile: determinación del concepto de chilenismo*. Santiago, Instituto de Filología de la Universidad de Chile, 1953.

Tem-se aqui a concepção de **brasileirismo** exarada entre os puristas da língua.

4º) *a sinonímia como diferença específica.*

Este critério, bastante restritivo, considera **brasileirismo** aquele item lexical que, criado em território brasileiro, é sinônimo de outro já existente no português.

5º) *a origem como diferença específica.*

O critério genético aqui considera de imediato todos os tupinismos, incluindo unidades como *carioca*, *capim*, *mandioca*, entre outras, também usadas em Portugal. O mesmo valendo para os africanismos.

Enfim, todos esses critérios, procurando melhor definir os **brasileirismos**, refletem, além da complexidade do tema, a dificuldade em se chegar a uma definição unívoca.

2. O rótulo **brasileirismo** em alguns dicionários brasileiros

Desde o início do período colonial brasileiro já se observavam em cartas, principalmente dos jesuítas, em peças literárias ou nas crônicas de antigos historiadores, termos originários das terras brasileiras. Começava aí a primeira diferenciação da língua portuguesa na América. O *Dicionário da língua portuguesa* de Moraes (1ª edição em 1789) já registrava razoável número de itens lexicais mais usados no Brasil do que em Portugal ou formas portuguesas já diferenciadas no território brasileiro.

Dessa forma, a par das razões históricas, têm sido constantes os esforços em atestar os **brasileirismos** na língua portuguesa. Estes tanto serviram de razão para se considerar o português do Brasil um dialeto da língua portuguesa, como serviram de bandeira para a pregação de uma língua brasileira, autônoma. E por ser o léxico, indubitavelmente, a parte do português do Brasil que mais se enriqueceu de **brasileirismos**, constituem os glossários e vocabulários regionais, possivelmente, a parte mais rica da dialetologia brasileira.

Quanto aos dicionários (*Aurélio*, *Houaiss* e *Michaelis*) sob análise neste trabalho, todos, em sua nomenclatura, definem **brasileirismo** a partir do critério de *uso privativo como diferença*. Contudo, os dicionários *Aurélio* e *Houaiss* violam o critério definatório utilizado ao etiquetarem como **brasileirismos** itens léxicos usados em Portugal, compilados e arrolados em dicionários portugueses. Compulsando o *Dicionário de calão*, do autor português Albino Lapa², por exemplo, encontramos algumas unidades léxicas registradas em *Aurélio* e *Houaiss*.

Vejamos a aplicação do rótulo **brasileirismo** pelos dicionários de língua:

ITENS LÉXICAIS	DICIONÁRIOS		
	AURÉLIO	HOUAISS	MICHAELIS
banana	SR ³	informal, pejorativo	SR
forrobodó	brasileirismo , popular	brasileirismo , informal	SR
fresco	brasileirismo , chulo	brasileirismo , informal	chulo
grana	brasileirismo , gíria	brasileirismo , informal	gíria
pileque	brasileirismo	brasileirismo	popular
presunto	brasileirismo , gíria	brasileirismo , jocosos	gíria
tira	gíria	brasileirismo , informal	gíria

Sem entrarmos no mérito que aponta as viagens das palavras (de Portugal para o Brasil ou deste para aquele), por essa pequena amostragem, que nos revela algumas unidades léxicas dicionarizadas em Portugal e etiquetadas como **brasileirismos** em *Aurélio* e *Houaiss*, já podemos inferir, considerando o critério definatório apresentado pelos dicionários acima, a imprecisão de que padece a rotulação das unidades léxicas em obras lexicográficas brasileiras.

² LAPA, Albino. *Dicionário de Calão*. 2ª ed., Porto, Presença, 1974.

³ SR = (Sem rótulo); SA = (Sem aceção).

3. Os vocabulários regionais

Em face disso, a rotulação de itens lexicais como pertencentes a uma determinada região (ou estado) do Brasil, apresentada pelas obras lexicográficas, suscita extremos cuidados, pelos riscos que corre de não refletir a atualidade do uso lingüístico, considerando-se que as palavras, estimuladas pelos meios modernos de comunicação, viajam facilmente de uma localidade a outra. Dessa forma, importa ressaltar que, embora a definição corrente de **regionalismo** caracterize-o como traço lingüístico pertinente a uma determinada região, no caso da comunidade lingüística do Brasil, o que se constata é a existência de regionalismos comuns a duas ou mais regiões brasileiras. Diante disso, tomemos em consideração algumas obras lexicográficas que representam vocabulários regionais em território brasileiro.

Sejam as seguintes obras:

- (1) *Vocabulário popular cearense;*
- (2) *Vocabulário pernambucano;*
- (3) *Termos e tradições populares do Acre;*
- (4) *A linguagem popular do Maranhão;*
- (5) *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul;*
- (6) *Dicionário do Brasil Central.*

O quadro seguinte mostra o registro de algumas unidades léxicas nas obras acima citadas. Os números presentes no quadro representam, respectivamente, as obras numeradas.

UNIDADES LÉXICAS	VOCABULÁRIOS REGIONAIS					
	1	2	3	4	5	6
corn o (marido de adúltera)		+			+	+
descabaçar (copular)	+		+			+
embarrigar (engravidar)	+		+		+	
fiofó (nádegas; ânus)		+	+			+
minhoca (pênis)	+	+				+
pomba (vagina)	+					+
trep ar (copular)	+	+				+
vara (pênis)	+		+			+
xixi (urina)	+			+		+

O quadro abaixo mostra a rotulação, nos dicionários, dos mesmos itens lexicais arrolados nos vocabulários regionais.

UNIDADES LÉXICAS	DICIONÁRIOS		
	AURÉLIO	HOUAISS	MICHAELIS
corn o	gíria	informal, tabuísmo	chulo
descabaçar	brasileirismo, chulo	brasileirismo, tabuísmo	popular
embarrigar	SE	brasileirismo, informal	SR
fiofó	brasileirismo, popular	brasileirismo, popular.	chulo
minhoca	chulo	informal	SA
pomba	brasileirismo, popular.	brasileirismo, (Sul, Centro-Oeste)	chulo
trep ar	brasileirismo, chulo	brasileirismo, informal	chulo
vara	chulo	SA	SA
xixi	brasileirismo, familiar	brasileirismo, informal	familiar

De conformidade com a amostra vê-se que uma mesma unidade léxica foi considerada regionalismo em várias regiões, isoladamente. Além disso, a maioria dessas unidades léxicas está registrada nos referidos dicionários de língua sem qualquer delimitação regional, dentro do Brasil, fazendo isso crer que seu uso é de âmbito geral, dentro da comunidade brasileira.

Assim, a unidade léxica **cornio** aparece como regionalismo do estado de Pernambuco, registrada em (2), mas aparece também como regionalismo do Rio Grande do Sul em (5) e de Goiás em (6). *Aurélio* registra-a como **gíria**, *Houaiss* como **informal** e **tabuísmo**, *Michaelis* como **chulo**. Dessa forma, para os dicionários de língua, essa não é uma unidade léxica regional.

O item lexical **descabaçar**, registrado como regionalismo do Ceará em (1), como regionalismo do Acre em (3), de Goiás em (6), é registrado pelos três dicionários de língua, mas só *Aurélio* rotula-o de brasileirismo e sem qualquer delimitação regional dentro do Brasil.

O verbo **embarrigar**, embora atestado como regionalismo do Ceará em (1), é considerado termo regional do Acre em (3) e do Rio Grande do Sul em (5). Dos três dicionários gerais, *Houaiss* é o único que o registra como um regionalismo (sem indicar qualquer região brasileira); Para *Aurélio* e *Michaelis*, que não rotulam **embarregar**, claro está que este não é um termo regional.

A unidade lexical **fiófó** aparece como regionalismo de Pernambuco em (2), mas também como regionalismo do Acre em (3) e de Goiás em (6). *Aurélio* e *Houaiss*, considerando-a um termo **popular** e **informal**, rotulam-na também de **brasileirismo**, sem indicação de região delimitada dentro do território nacional. Enquanto que para *Michaelis* **fiófó** é apenas um termo **chulo**, não um regionalismo.

A unidade léxica **minhoca** é considerada um termo regional do Ceará em (1), embora também de Pernambuco em (2) e de Goiás em (6). *Aurélio* e *Houaiss*, os dois dicionários que a registram, não a consideram um termo regional, mas apenas um **chulismo** e de uso **informal**.

O item lexical **pomba** figura em (1) como regionalismo do Ceará, assim como aparece em (6) como regionalismo de Goiás. Entretanto, *Aurélio* e *Houaiss*, rotulando-o como brasileirismo, situa-o nas regiões Sul e Centro-oeste do Brasil. Para *Michaelis*, no entanto, trata-se de um termo **chulo**, mas não regional.

O item léxico **trepar** em (1) está registrado como termo regional do Ceará, mas também é tido como regionalismo de Pernambuco em (2) e de Goiás em (6). *Aurélio* e *Houaiss* rotulam-no de **brasileirismo**, sem especificar qualquer região do Brasil. Sem considerá-lo um regionalismo, *Michaelis* apresenta-o apenas como termo **chulo**.

Vara, unidade léxica registrada como regionalismo do Ceará em (1), é tida como termo regional do Acre em (3) e de Goiás em (6). Dos dicionários de língua, somente *Aurélio* a registra, e o faz sem considerá-la regionalismo, mas apenas um **chulismo**.

A unidade lexical **xixi** aparece como regionalismo do Ceará em (1), do Maranhão em (4) e de Goiás em (6). *Aurélio* e *Houaiss* a consideram um **brasileirismo**, ainda sem apontar essa ou aquela região brasileira. Para *Michaelis* que a rotula tão-somente de **familiar**, a unidade léxica **xixi** não é um regionalismo.

Em síntese, dos grandes dicionários aqui analisados, o *Aurélio* apresentou a etiqueta **brasileirismo** para 5 dos 9 itens lexicais, *Houaiss* para 6, *Michaelis* não a utilizou. E apenas para o verbete **pomba**, os dicionários *Aurélio* e *Houaiss* indicaram as regiões de uso, permitindo assim ao público leitor concluir que, afora este, os outros termos considerados **brasileirismos** são de uso geral no país, igualmente àqueles que não estão com esta etiqueta.

4. Brasileirismos que ainda são neologismos

Os brasileirismos apresentados acima estão todos dicionarizados no Brasil e alguns também em Portugal, apesar do uso restrito ao território brasileiro. Queremos, entretanto, tratar agora de outros brasileirismos, as criações neológicas, bastante produtivas na atualidade. Para tanto, fomos buscar esses brasileirismos na linguagem publicitária, veiculada em impressos volantes, distribuídos na região metropolitana de Belo Horizonte.

A neologia, processo de criação lexical, é uma espécie de revigorante do léxico, compreendendo-se este uma forma de registrar a visão de mundo, o conhecimento do universo, a realidade histórica e cultural e as diferentes fases da vida social de uma comunidade lingüística. Dessa forma, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e extralingüísticos, esse acervo vocabular, o léxico de uma língua, é, de todos os domínios da linguagem, o menos lingüisticamente caracterizado.

O neologismo, elemento resultante da criação lexical, a nova palavra, não ocorre apenas no interior da própria língua. Entre os neologismos, cumpre destacar os elementos adotados, isto é, aqueles cujo surgimento não se deve à criação de um signo mas à adoção da palavra, o empréstimo lingüístico. Na

língua portuguesa, ambos os recursos têm sido amplamente empregados, o que se pode observar tanto pela perspectiva diacrônica quanto pela sincrônica.

Diante disso, cumpre salientar que a linguagem da propaganda, fortemente caracterizada pela dinamicidade do léxico, sente-se permanentemente impulsionada a renovar-se, não apenas para nomear mercadorias, mas sobretudo por tecer enunciados cheios de apelos estilísticos e persuasivos, tornando, assim, a criação de neologismos um fator inevitável.

5. O processo de afixação

O processo de formação de palavras, significando a operação morfo-lexical e semântico-sintática que se dá a partir de certo número de elementos de base, a fim de se construir outros deles decorrentes, se tipifica em diversas modalidades, quais sejam: o processo de adição (por afixação, reduplicação e composição), supressão, modificação (apofonia, metátese) e conversão (cf. Rio-Torto, 1993:148).

Na língua portuguesa, a produtividade maior recai sobre o processo de adição, mais especificamente a afixação e a composição.

A afixação, consistindo em combinação de uma base com algum afixo, é provavelmente o mais fecundo método de produzir morfologicamente palavras complexas nas línguas em geral. E de conformidade com o lugar que cada afixo materialmente ocupa em relação à base, a afixação se desdobra em operações múltiplas, tais como: prefixação (união de elemento(s) mórfico(s) à esquerda da base, designados por prefixos e prefixóides, cuja base pode ser um nome, um adjetivo ou um verbo e ter sua categoria inalterada, apesar de adequar seu conteúdo semântico à função dessas entidades prefixais); sufixação (união de elemento(s) mórfico(s) à direita da base, designados por sufixos e sufixóides (cf. Carvalho, 1974: 555; e Sandmann, 1989: 114) a cuja base poderão infundir gradação semântica (cf. Rio-Torto, 1993: 376-381) e alteração categorial); circunfixação (processo mórfico em que um morfema descontínuo composto de duas partes circunvolve a base (cf. Szymanek, 1989: 66); infixação (intercalação de um elemento mórfico na base).

Na linguagem da propaganda encontram-se formações neológicas de diversos processos, entretanto, buscar-se-á aqui delimitar os neologismos formados por afixação.

5.1 Prefixação

Na língua portuguesa, o sistema de prefixos é de origem latina e grega:

Os prefixos portugueses têm origem em partículas latinas que podiam funcionar como advérbios, quando associadas a verbos (ultra-), ou como preposições (circun-, extra-, infra-, intra-, justa-, supra-, trans-). Como advérbios, elas modificavam a significação do verbo, situando-a temporal e/ou espacialmente. Pelo que diz respeito às preposições, muitas delas permanecem no português com o estatuto de prefixos, e alguns destes continuam a desempenhar função preposicional (sobre-: sobrepor). Outros operadores prefixais têm origem em bases gregas com estatuto análogo. (Rio-Torto, 1993: 365)

Do *corpus* analisado verificou-se a incidência de maior número de prefixos latinos, tendo-se observado apenas dois (*anti-*, *arqui-*) prefixos gregos.

Sandmann faz referência ao alargamento semântico que o prefixo **anti-** passou a receber, expressando o conceito de “menos bom” ou “ruim”, como nos seguintes exemplos:

***anticultura** (anticultura é a má cultura); **antifutebol** (antifutebol é o mau futebol); **antijogo** (antijogo é o jogo ruim); **antilei** (antilei é a lei ruim); **antimúsica** (antimúsica é a música ruim). (Sandmann, 1989: 15)*

ANTI- como operador prefixal se une a nomes e adjetivos, significando “contra”. Os seguintes neologismos fazem parte de nosso corpus:

- ANTIÁCARO** – (foto do produto) + “**Antiácario** Fubacnew 500 ml.” - Drogeria Araújo.
- ANTI-CHAMA** – (foto do produto) + “**Fio rígido anti-chama.**” - Loja Dadalto.
- ANTIIMPACTO** e **ANTITREPIDAÇÃO** – “**Aparelho (de som) com sistema anti-impacto e anti-trepidação**” – Ekipar Acessórios.
- ANTIMOFO** – “**Vinil acrílico polar com antimofa /.../**” – Leroy Merlin.

- e) **ANTIESTRESSANTE** – “Benefícios do bronzamento artificial: /.../ com a técnica de relaxamento **anti-estressante**.” – Clínicas Renata Fontany

AUTO- como prefixo significa “si mesmo, próprio”. Presta-se a formações em série e se une facilmente a palavras portuguesas ou estrangeiras (especialmente as do inglês), como revela nosso *corpus*:

- AUTO-ATENDIMENTO** – “Novo código de identificação do **auto-atendimento**. - Banco Real.
- AUTO-REAQUECER** – “/.../ novo forno de microondas com a função de **auto-reaquecer**.” - Casas Bahia.
- AUTOCLEAN** – “Liquificador Miz Astor – **autoclean**.” - Casas Bahia.
- AUTO-REVERSE** – “/.../ frente destacável, **auto-reverse**, sintonizador digital /.../.” – Ekipar Acessórios.

AUTO - como forma abreviada de automóvel é constituinte de alguns compostos como: auto-estrada, autopeça, auto-escola, etc. Nosso *corpus* apresentou o neologismo

AUTO-RÁDIO – “**auto-rádio** com CD player.” – Carrefour.

TELE- atualmente não é mais sentido como um elemento estrangeiro, como um radical erudito grego, é um operador prefixal que pode apresentar pelo menos quatro valores:

- o de “a distância, de longe” (*telecomunicação, telegrama, telepatia*, etc);
- o de “televisão”, de que é uma forma abreviada (telenovela, telefilme, telespectador, etc.);
- o de “teleférico”, apontado por Vilela, (1994: 93), cujo valor é menos freqüente em português, com poucas ocorrências em Portugal (*telecabine, tele-esqui*);
- o de “telefone”, de que é uma forma encurtada, encontrada em nosso *corpus* nos seguintes neologismos:
 - TELEBANCO** – “/.../ para complementar ou realizar pagamentos parciais através do Internet BanK e do **telebanco** ou dos caixas automáticos.” – HSBC.
 - TELEGÁS** – “**Telegás** – 3383-2791 – seu gás em uma chamada.” – Água Mineral Taquaril.
 - TELEPIZZA** – “**Telepizza** Araras – ligou, chegou.”
“**Tele-pizza** Floresta – 3482-2509”
 - TELEMARMITEX** – “**Tele marmitex** Adonai – 3421-6065” – Restaurante Adonai.

MICRO- e **MINI-** Como prefixos diminutivos formaram, em nosso *corpus*, somente nomes, como os neologismos abaixo:

- MICROBOLHAS** – “Os únicos limpadores multi-uso e limpeza com **microbolhas** que desprendem a sujeira por completo.” - Cif (oxy-spray)
- MICROCRÉDITO** – “/.../ abordando temas como gestão, comercialização, crédito, **microcrédito**, marketing /.../” – Shopping Cidade (informativo).
- MINIMERCADO** – “Comércio local: **minimercado**, flora, restaurante.” - condomínio Solar das Palmeiras.
- MINISSATÉLITE** – “Decodificador com antena **minissatélite**” - Casas Bahia.

MULTI- Significando “muito, diverso”, este prefixo se une a nomes e adjetivos, formando os seguintes neologismos:

- MULTICONTA** – “Seus depósitos são automaticamente aplicados na **multiconta**.” - Unibanco.
- MULTIUSO** - “Limpador Veja **multiuso**.” – “Caixa prática **multiuso** dobrável.” – “Mesa **multiuso** Tecla.” - Hipermercado Extra.
- MULTISSETORIAL** – “/.../ foram divulgados no evento oportunidades em áreas como Negócios de porta a porta, Logística e **Multissetorial**.” – Shopping Cidade.

PÓS- Este prefixo, significando “depois”, tem produzido, em sua maioria, nomes e adjetivos. O *corpus* apresenta os seguintes neologismos:

PÓS-BANHO, PÓS-BARBA, PÓS-BEIJO – “No dia dos pais dê a ele um presente **pós-banho, pós-barba e pós-beijo**.” - Água de Cheiro.

SUPER- Atuando como intensificador, este prefixo aparece em nosso *corpus* formando nomes e adjetivos, como se vê abaixo:

- SUPERDUCHA** – “**Super ducha** Fame” – Loja Eletroluzes.

- b) **SUPERFÁCIL** – “Acesso *super fácil*, em pista dupla, pela BR 040 /.../” – Condomínio Solar das Palmeiras.
- c) **SUPERFACILITADO** – “Financiamento próprio *superfacilitado*.” - Condomínio Recanto da Lagoa.
- d) **SUPERLANCHE** - “Vem que a Araújo tem. *Superlanche* Araújo.” – Drogeria Araújo.
- e) **SUPEROFERTAS** – “*Super ofertas de medicamentos na Araújo*.” – Drogeria Araújo.
- f) **SUPERPRÁTICO** – “*Spray portátil e superprático*.” – Lojas Americanas.
- g) **SUPERVANTAGEM** – “Além de cortar os juros, o HSBC oferece uma outra *supervantagem*: /.../”. - HSBC

5.2 - Sufixação

-ÃO - Usado para formar aumentativos principalmente com base em nomes. O *corpus* apresentou neologismos, cujas formações indicam que o objeto denotado tem um tamanho acima do normal:

- a) **BANHÃO** – “(foto de toalha de banho) *Não é uma simples toalha, é um banho*.” - Casas Pernambucanas.
- b) **QUEIMÃO** – “*Queimão de apartamentos Tenda*.” – Tenda Construtora.
- c) **CADERNÃO** – “*Cadernão de ofertas*.” - Casas Bahia.

-ETE - Este sufixo, que em parte é empréstimo do francês e do italiano (cf. Aurélio), é usado para formar diminutivos. Nosso *corpus* apresenta:

- a) **CAMISETE** – “*Camisete a 19,90*.” - C & A.
- b) **COMBINETE** – “*Combinete a 23,90*.” - C & A.

-MENTO - Usado para formar nomes derivados de verbos, este sufixo alterna com **-ção** em alguns casos de formas duplas (cf. Sandmann, 1989: indiciamento/indiciação, formigamento/formigação, desfiguramento/desfiguração, etc.). Nosso *corpus* apresenta os seguintes neologismos:

- a) **CABEA MENTO** - “*Prédio com cabeamento estruturado /.../*.” - Edifício Adelaide Santiago – Construtora Ágata.
- b) **CHACREA MENTO** – “*O chacreamento Quintas do Almeida é totalmente financiado*.” - Empreendimentos Casa Amarela.

6. Considerações finais

Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento que procura fazer a descrição do léxico da publicidade escrita do Brasil a partir de 2000. O que apresentamos aqui é uma pequena amostra de neologismos colhidos apenas nos impressos publicitários volantes. Contudo, é suficiente para nos dar idéia dos processos neológicos, subjacentes à linguagem da propaganda, pelos quais a língua portuguesa do Brasil amplia seu acervo lexical.

Os neologismos presentes no léxico da publicidade têm sua razão de ser, em muitos casos, por razões estilísticas, cujos efeitos intencionais de estranhamento, ironia, exagero, jogo com a palavra, marcam a criatividade dessa linguagem que se expressa, predominantemente, pelo sentido conotativo.

Enfim, desejamos reiterar, com essas colocações, a importância da identificação (etiquetagem) dos brasileirismos nas obras lexicográficas, não apenas pelo caráter descritivo da lexicografia, senão também pela relevância da informação dada ao consulente nativo ou estrangeiro. Entretanto, a tarefa de coligir e atestar os brasileirismos exige, para manter fidelidade ao critério definitório de uso privativo, o esforço de conhecer, examinar e comparar diversos glossários e vocabulários do português de outros países ou, quando menos, de Portugal.

RESUMO: Este trabalho procura mostrar como o rótulo *brasileirismo*, usado por alguns dicionários de língua na rotulação de certas unidades léxicas, vem sendo empregado sem levar em consideração o critério definitório de uso privativo. Quanto aos brasileirismos aqui apresentados, ressaltamos aqueles dicionarizados como regionalismos e os que não se encontram ainda dicionarizados, identificados aqui como neologismos.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; rotulação lexicográfica; brasileirismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALVES, I. M. *Neologismo: Criação Lexical*. São Paulo: Ática, 1990 (Série Princípios)
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios)
- CAMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8. ed., Petrópolis: Vozes, 1978.
- CARVALHO, J. G. H. *Teoria da Linguagem*. vol.II, Coimbra: Atlântida Editora, 1974.
- COSTA, F. D. P. da. *Vocabulário pernambucano*. Recife: Imprensa oficial, 1937.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, C. *Que é um brasileirismo?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GIRÃO, R. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: Imprensa Univ. do Ceará, 1967.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JOTA, Z. dos S. *Dicionário de lingüística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1981.
- LUFT, C. P. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. 2. ed., Porto Alegre: Globo, 1971.
- MICHAELIS. *Dicionário Michaelis da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: DTS Software Brasil Ltda, versão eletrônica, 1998.
- NUNES, Z. C. & NUNES, R. C. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro - Editor, 1982.
- ORTÊNCIO, W. B. *Dicionário do Brasil central*. São Paulo: Ática, 1983.
- RIO-TORTO, G. M. *Formação de Palavras em Português. Aspectos da Construção de Avaliativos*. (Dissertação de Doutorado em Lingüística Portuguesa), Coimbra: Universidade de Coimbra, 1993.
- SANDMANN, A. J. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scienta et Labor/Icone, 1989.
- SANDMANN, A. J. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Contexto, 1997 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)
- SZYMANEK, Bogdan. *Introduction to Morphological Analysis*. Varsóvia: Panstwowe Wydawnictwo Naukowe, 1989.